Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELÉM — PARÁ — BRASIL

ANTROPOLOGIA Nº 53 26, JUNHO, 1974

A EXTINÇÃO DOS ÍNDIOS KARARAÔ (KAYAPÓ) — BAIXO XINGU, PARÁ

Expedito Arnaud (*)
Museu Goeldi

Ana Rita Alves (*)
Museu Goeldi

RESUMO — Aborda o grupo indígena Kararaô (Kayapó) localizado no rio Jaraucu, afluente do rio Xingu (Município de Porto de Moz - Pará). Apresenta uma caracterização da área regional; as cisões ocorridas no seio do grupo; a pacificação; aspectos culturais; a ação desenvolvida pelo Posto do S.P.I. junto aos mesmos, desde 1965 até a sua extinção em 1970.

O presente trabalho não foi baseado em pesquisa de campo, mas elaborado com material obtido em arquivos e relatórios do antigo S.P.I., bem como através de entrevistas realizadas com sertanistas e com vários outros servidores do Órgão que atuaram entre os referidos índios. Nas primeiras entrevistas realizadas por Expedito Arnaud, entre os anos de 1967 e 1970, foram colhidas informações sobre o processo histórico pelo qual passaram os Kararaô desde a primeira cisão até os dias atuais. Em uma segunda etapa de trabalho, verificada em 1973, Ana Rita Alves realizou novas entrevistas, não só com os informantes anteriores como também com mais alguns outros, a fim de serem testadas aquelas informações fundamentais e preenchidas as lacunas existentes. Paralelamente foi utilizada uma bibliografia relacionada a grupos Kayapó, incluindo referências sobre os Kararaô.

A despeito da insuficiência de dados, e de já se tornarem cansativos os relatos sobre extinções de grupos indígenas, os autores julgam ser válida esta divulgação. Isto por-

(*) — Bolsistas do Conselho Nacional de Pesquisas.

que, além de apresentar uma situação singular de rápido desaparecimento de um grupo indígena, mostra vários aspectos aculturativos verificados com o mesmo antes da pacificação. E também porque não é obviamente mais possível realizar-se observações diretas no âmbito do grupo, pela própria circunstância que motivou o título do ensaio.

*
* *

Desde o passado até o presente, entre as causas que têm concorrido para a deculturação, depopulação e mesmo extinção de grupos tribais podem ser mencionadas as que se relacionam à mudança de ambiente sobretudo quando provocada de modo compulsório, sem uma preparação adequada, em função dos interesses da sociedade envolvente. Ainda no início do século passado, José Bonifácio já aconselhava que, por ocasião do estabelecimento de novas aldeias, os índios de "mattas virgens não deviam ser transferidos para as campinas e vice-versa, e os dos morros para planícies umidas" (Andrada e Silva, 1939 : 269). Na época atual, o regulamento do S.P.I. n.º 736 de 6/04/1936 (art. 2), tendo como base possivelmente, as experiências passadas, determinava que "a assistência, defesa ou amparo aos índios", ocorresse "na própria terra habitada" por eles, "salvo os casos de afastamentos por motivos de enchentes, sêcas, epidemias ou outras calamidades e motivos justificaveis..." (BRASIL. Leis... As. Indig., 1947 : 149).

Ocorre que, em uma fase mais recente, uma das principais preocupações dos dirigentes do S.P.I. consistia no engajamento de índios em atividades produtivas para a obtenção de rendas, sem serem levadas em consideração o estágio de integração do grupo e as conseqüências que a medida pudesse provocar. Com tal propósito, costumava-se fazer a transferência de um grupo para uma área onde pudesse existir em maior abundância gêneros naturais exportáveis e houvesse mais facilidade de comunicação. Uma vez que isso ocorria geralmente sem o estabelecimento prévio de lavouras

e precauções sanitárias, bem como sem qualquer orientação racional para a readaptação ecológica do grupo, ficava ele exposto ao contágio por doenças epidêmicas, sofrendo privações e problemas outros, inclusive de ordem psicológica.

Na região sul do Pará, entre os rios Xingu e Tapajós, abrangendo terras dos atuais Municípios de Porto de Moz, Altamira, Senador José Porfírio e São Félix do Xingu (1) cuja economia é predominantemente extrativista (borracha, castanha, etc.), essa política de caráter negativo acabou por atingir os grupos Kayapó, na medida em que iam sendo atraídos pelas turmas do S.P.I. Por exemplo, os Kubén-Kran-Kegn pacificados no próprio ambiente, em 1952, não chegaram a sofrer sensível redução populacional e puderam manter suas antigas tradições. Todavia, alguns anos mais tarde, tendo sido estimulados a extrair caucho e castanha para fins comerciais, deixaram de fazer roçados. Conseqüentemente sofreram uma séria crise alimentar, a ponto da Diretoria do S.P.I. ter de enviar para a aldeia suprimentos, via aérea (Arnaud, 1971 : 13). Os Kokraimôro que se achavam cindidos em dois bandos, após a pacificação, verificada em 1957, foram reagrupados e localizados em uma ilha alagadiça, a qual se tornou ponto de reunião de seringueiros. Tendo aí permanecido em "péssimas condições de saúde, sem roças e com falta de equipamento para caça e pesca", dentro de pouco tempo foram reduzidos quase à metade (Moreira Neto, 1959 : 52). Começaram a recuperar-se somente após terem sido transferidos para uma área de terra firme com melhores condições de salubridade e afastada de seringueiros (Arnaud,

---

(1) — Os municípios acima totalizam uma superfície de 323232 Km², para uma população de apenas 25760 (1970), a saber: Porto de Moz: — superfície — 19104 Km²; população — 5921 habitantes (1291 urbanos; 4630 rurais); Altamira: — superfície 153862 Km²; população — 15345 habitantes (5734 urbanos; 9611 rurais); Senador José Porfírio (terras desmembradas de Altamira): — superfície — 33689 Km²; população — 2971 habitantes (386 urbanos; 2585 rurais); São Félix do Xingu (terras desmembradas de Altamira): — superfície — 116577 Km²; população — 1523 habitantes (441 urbanos; 1082 rurais). RECENSEAMENTO, 1971-76; RECENSEAMENTO, 1973 : 421).

1971 : 14). Um dos bandos Kubén-Kran-notí atraído pelo S.P.I., naquele mesmo ano, com uma população de 150 indivíduos, após absorver 38 índios Kararaô, cuja atração havia ocorrido alguns meses antes, foi removido para um local situado nas proximidades de colocações de seringueiros por ser mais acessível à navegação, tendo em vista sua introdução no sistema econômico regional. Entretanto, mal alimentados e sujeitos ao contágio, foram logo atingidos por um forte surto de gripe que lhes causou 50 falecimentos. Alguns anos mais tarde, já em outro local, foram vitimados por uma nova epidemia, mais 44 de seus componentes. Por fim, em 1969, tendo o sarampo dizimado mais 40, ficaram reduzidos a 10 indivíduos (Arnaud, 1971 : 14-15).

• • •

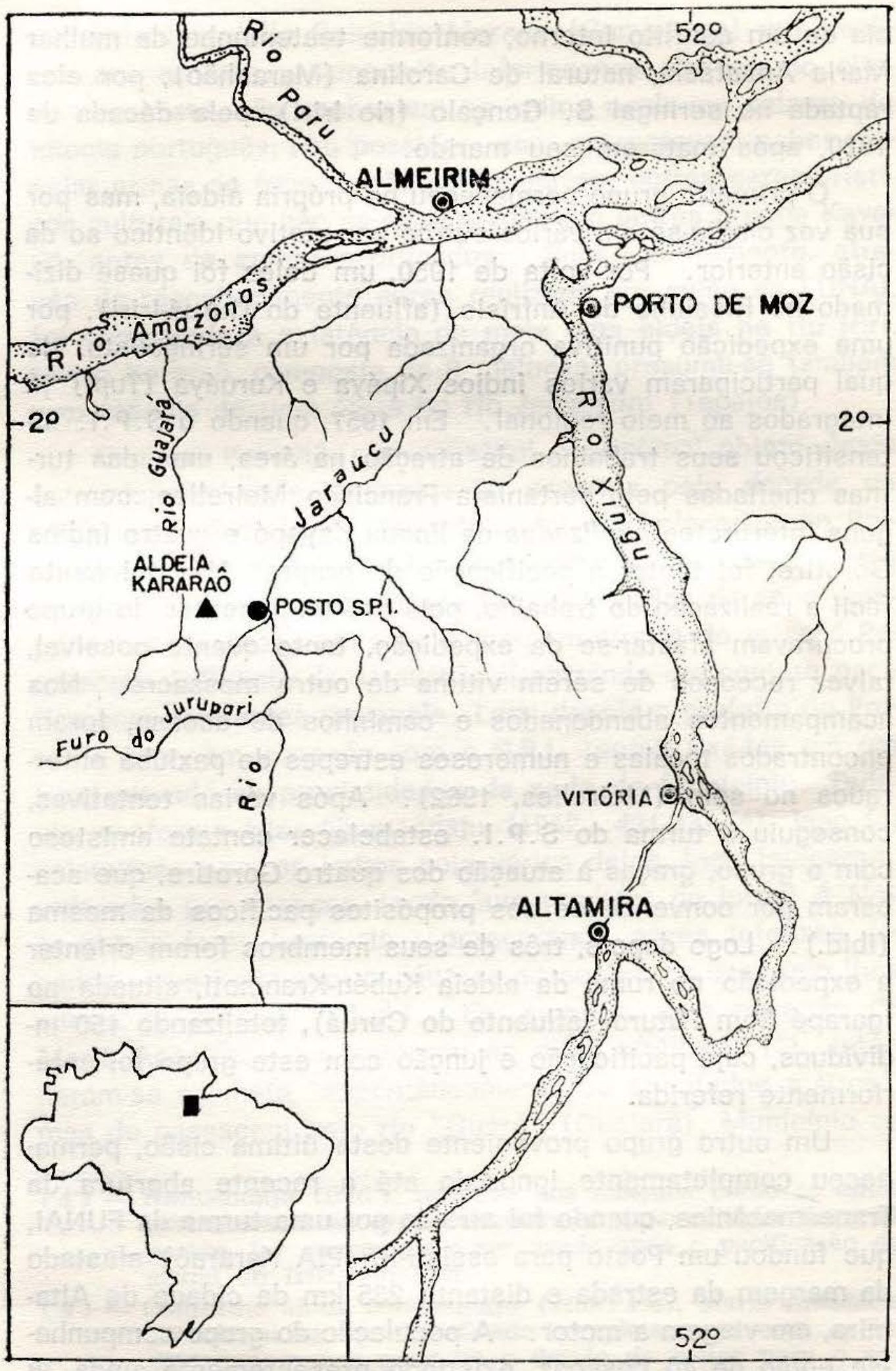
A denominação Kararaô é aplicada a uma divisão dos Kayapó Setentrionais (2) (família lingüística Jê), cujos componentes, apartaram-se do núcleo original (Gorotíre), quando este, segundo os próprios índios, encontrava-se aldeado junto a denominada "casa de pedra", situada no rio Vermelho, afluente do rio Fresco (Xingu). Esta cisão foi anterior àquela que provocou a formação do grupo Kubén-Kran-notí (3) verificada possivelmente em fins do século passado.

Após a separação, os Kararaô baixaram o Xingu indo situar-se em um território compreendido entre o rio Iriri e seu afluente Curuá, onde durante muitos anos, foram confundidos com os demais bandos Kayapó que incursionavam na área. Posteriormente, cindiram-se em dois grupos em conseqüên-

---

(2) — Segundo Coudreau (1897 : 204-206) os Kayapó Setentrionais estavam divididos entre os seguintes grupos: Kayapó propriamente dito no Pau d'Arco e Chicão; Gorotíre no rio Fresco, afluente do Xingu; "Pucucarúa" a nordeste dos Kayapó, os quais coletavam castanha na floresta de Itaipava, mas cuja localização exata não era conhecida.

(3) — Para maiores detalhes a respeito das cisões dos grupos Kayapó, confronte-se Nimuendaju (1952 : 429), Diniz (1962 : 34), Dreyfus (1963 : 19), Frikel (1963 : 146-47), e Simões (1963 : 82-84).



Mapa da localização dos índios Kararaô — Baixo Xingu, Pará (Des. G. Leite).

cia de um conflito interno, conforme testemunho da mulher Maria Anastácia, natural de Carolina (Maranhão), por eles raptada no seringal S. Gonçalo (rio Iriri), pela década de 1920, após matarem seu marido.

O primeiro grupo permaneceu na própria aldeia, mas por sua vez cindiu-se em vários outros por motivo idêntico ao da cisão anterior. Por volta de 1950, um deles foi quase dizimado no Riosinho do Anfrísio (afluente do Curuá-Iriri), por uma expedição punitiva organizada por um seringalista, da qual participaram vários índios Xipáya e Kuruáya (Tupi) já integrados ao meio regional. Em 1957, quando o S.P.I. intensificou seus trabalhos de atração na área, uma das turmas chefiadas pelo sertanista Francisco Meirelles, com alguns intérpretes *civilizados* da língua Kayapó e quatro índios Gorotíre, foi tentar a pacificação do grupo. Não foi muito fácil a realização do trabalho, pois os componentes do grupo procuravam afastar-se da expedição, tanto quanto possível, talvez receosos de serem vítima de outro massacre. Nos acampamentos abandonados e caminhos de acesso, foram encontrados tocaias e numerosos estrepes de paxiúba enterrados no solo (Meirelles, 1962). Após várias tentativas, conseguiu a turma do S.P.I. estabelecer contato amistoso com o grupo, graças à atuação dos quatro Gorotíre, que acabaram por convencê-los dos propósitos pacíficos da mesma (ibid.). Logo depois, três de seus membros foram orientar a expedição no rumo da aldeia Kubén-Kran-notí, situada no igarapé Bom Futuro (afluente do Curuá), totalizando 150 indivíduos, cuja pacificação e junção com este grupo foi anteriormente referida.

Um outro grupo proveniente desta última cisão, permaneceu completamente ignorado até a recente abertura da Transamazônica, quando foi atraído por uma turma da FUNAI, que fundou um Posto para assistí-lo (PIA Kararaô) afastado da margem da estrada e distante 235 km da cidade de Altamira, em viagem a motor. A população do grupo compunha-se então de 40 pessoas, existindo presentemente ainda 38 (20 homens, 10 mulheres e 8 crianças), segundo informes

do sertanista Julio Reinaldo Moraes (Camiranga) que realizou sua atração. Consoante informações obtidas do citado sertanista, não conheciam os índios nenhuma palavra do idioma português, não possuíam nem aparentavam saber manejar armas de fogo, e não evidenciavam outras características culturais que não as encontradas em outros grupos Kayapó, antes de serem pacificados. Subseqüentemente, através de reconhecimento aéreo realizado em avião da FUNAI, foi constatada a existência de mais uma aldeia no rio Iriri, talvez Kararaô, composta de 9 malocas; presume-se também a existência de uma outra no rio Jamanxim (Tapajós).

O grupo Kararaô, que constitui o principal objeto desta comunicação, após a separação ocorrida pela década de 1920, conduzindo Maria Anastácia, foi estabelecer-se no Baixo Xingu entre os limites dos Municípios de Altamira e Porto de Moz. Já em fins da década de 1930, vários de seus componentes atravessaram para a margem direita do igarapé Penetecaua (afluente do Jaraucu), aí entrando em contato pacífico com habitantes regionais. Logo depois o prefeito de Porto de Moz, em conexão com o S.P.I., tentou fixá-los em um local situado às proximidades da sede do Município. Todavia, conforme frisa Nimuendaju (1952 : 431-32) (4), isso foi calamitoso para os índios pois vários deles, logo faleceram, vitimados por doenças, tendo "um repórter do jornal *A Noite* obtido fotos horríveis representando esses infelizes jogados vivos junto com cadáveres no soalho da casa que lhes servia de morada" (ibid.). Em seguida, com exceção de Maria Anastácia que retornou ao meio civilizado (5), internaram-se na mata "espontâneamente ou enxotados a tiros", mas de passagem pelo rio "Guará" (Guajará), Município de

(4) — Nimuendaju (ibid.), refere-se aos mesmos como se ainda pertencessem ao grupo Gorotíre. A denominação Kararaô, parece ter começado a ser usada após a pacificação do grupo do Iriri, em 1957.

(5) — Conforme ainda Nimuendaju (1952 : 434), Maria Anastácia parecia haver se identificado completamente com os índios, pois nunca escondia o desejo de voltar para o seu meio. Segundo informantes, no ano de 1965, aparentando ter cerca de 70 anos, ainda vivia em Porto de Moz.

Prainha, mataram algumas pessoas e raptaram uma mulher com o filho (ibid.). No início de 1940, os 12 sobreviventes (homens, mulheres e crianças) acamparam nas proximidades da cidade de Altamira sem incidentes. Aí passaram a ser visitados freqüentemente por passageiros e tripulantes de embarcações que transitavam pelo Xingu, sem qualquer problema. Na suposição de haverem adquirido a confiança dos habitantes da área, resolveram então viajar até o porto de Vitória (6), onde foram atacados traiçoeiramente, a tiros por seringalistas e elementos da rodovia, quando dormiam em uma habitação (ibid.: 435), tendo os assassinos em seguida banhado os corpos em gasolina ateando-lhes fogo a seguir (BRASIL, Serv., Índios, 1952-67). Salvou-se apenas um homem de nome Unkuá, que conseguiu evadir-se por uma das janelas da casa e alcançar Altamira, onde foi recolhido pelo missionário Horácio Banner que o encaminhou para a aldeia Gorotíre. Ele, no entanto, fugiu da embarcação que o conduzia com medo de ser assassinado (conforme ele próprio mais tarde declarou), preferindo seguir por terra até a aludida aldeia.

O restantes componentes do bando em uma de suas incursões, ocorrida no início de 1950, mataram no rio Guajará (Prainha) a golpes de borduna Otacílio Moraes, deixaram seu filho menor gravemente ferido e conduziram sua filha Maria Moraes que poderia ter 14 ou 15 anos. Desde então, a presença do bando na região fazia-se notar através de pilhagens efetuadas sobretudo em barracões de maçarandubeiros.

Segundo nosso principal informante, era sobretudo Maria Moraes quem induzia os índios a atacar as habitações dos caboclos e barracões comerciais para a obtenção de redes, roupas, utensílios de cozinha, ferramentas e outros objetos que ela sentia falta. Face às novas necessidades

---

(6) — O porto de Vitória foi ligado a Altamira por uma estrada de rodagem com 47 km de extensão, a fim de possibilitar o transporte de carga em um trecho que o rio Xingu mostra-se impraticável para a navegação.

criadas o processo repetia-se constantemente, porém, a despeito da população viver em constante sobressalto, durante largo tempo nenhuma vítima causaram os índios. No entanto, já no ano de 1965, em uma incursão levada a efeito no rio Jaraucu, afluente do Xingu (Porto de Moz), mataram um homem e raptaram sua mulher gestante e um filho menor.

Em vista da ocorrência, as autoridades do Estado pediram providências à 2.ª Inspetoria Regional do S.P.I. que, em julho de 1965, houve por bem organizar uma expedição com a finalidade de fazer a tração do grupo (BRASIL. Ser., Índios, 1952-67). Sob a chefia do sertanista Osmundo Antonio dos Anjos e com a participação do intérprete da língua Kayapó — Afonso Alves da Cruz e do índio Itacaiúna (Xikrín), a expedição subiu em barco o igarapé Penetecaua (afluente do Jaraucu), tendo como ponto de referência o local onde os índios haviam praticado os raptos anteriormente citados, prosseguiu por terra a viagem. Após cinco dias conseguiram atingir um acampamento indígena, cujos ocupantes, entretanto, fugiram ao pressentirem a chegada do pessoal do S.P.I., deixando redes, cabaças, arcos, flechas e outros utensílios. Tendo sido então verificado, pelo equipamento acima referido, que não se tratava do grupo procurado, os expedicionários mudaram de rumo, havendo baixado pelo rio Jaraucu. Já em setembro conseguiram aproximar-se da aldeia Kararaô, situada no rio Guajará em um ponto distante da povoação do mesmo nome, cerca de um dia de viagem por terra. Assim como havia ocorrido na atração do grupo do Iriri, no caminho de acesso à aldeia foram encontradas numerosas armadilhas feitas com estrepes de paxiúba. Os primeiros contatos decorreram em um clima bastante tenso, pois, apesar do intérprete Itacaiúna haver revelado os propósitos pacíficos da turma do S.P.I., mantiveram-se os índios com seus arcos e flechas em posição de disparo. Somente após vários outros diálogos chegou-se a um acordo: os índios deliberaram entregar suas armas em troca das espingardas conduzidas pelos elementos

do S.P.I., as quais lhes foram entregues sem cartuchos. No entanto, decorridos mais três dias, passaram os últimos a coabitar com os índios na própria aldeia.

O grupo compunha-se de 48 indivíduos, sendo 12 homens e 11 mulheres e os restantes menores de 15 anos. Entre eles encontrava-se a mulher Maria Moraes, anteriormente referida, falando melhor o Kayapó que o português, com indumentária idêntica a das demais mulheres do grupo — nua, pintada, cabelos compridos e raspados desde a fronte até a metade da cabeça (7). Possuía dois filhos, sendo o primeiro com cerca de 10 anos, do marido anterior, já falecido; e o segundo, com 4 anos, do atual marido de nome Tiburu, um filho do líder do grupo. A princípio relutava em responder as perguntas, porém havendo o sertanista Osmundo prometido devolvê-la para junto de seus familiares com o marido e os filhos, Maria Moraes tornou-se mais comunicativa e acabou revelando que, a mulher recentemente raptada e seus dois filhos (um recém-nascido), foram mortos e por ela enterrados no dia em que a expedição do S.P.I. fez contato com o grupo. Isto porque, receavam os índios serem vítimas de represálias se os prisioneiros fossem encontrados em seu poder.

Todos os elementos do grupo utilizavam na pintura corporal o jenipapo, o carvão e o urucu (misturado com óleo de babaçu), porém, com a seguinte diferença: os homens pintavam o rosto e o corpo com jenipapo e carvão e os pulsos com urucu (alguns os exibiam sem pintura); e as mulheres o corpo, de igual modo que os homens, mas o rosto com urucu. Em ocasiões especiais, ou seja, durante as festas realçavam essas pinturas e usavam colares de sementes — *mulungu* (após a pacificação, de miçangas fornecidas pelo S.P.I.), sendo estes usados em maior quantidade pelas pessoas que possuiam mais "prestígio", a crermos nos informantes. Os homens adultos também exibiam abaixo do lá-

(7) — Banner (1961 : 5) descreve o corte de cabelo das mulheres Kayapó, em geral, coincidindo com o usado pelas Kararaô.

bio inferior o grande batoque de madeira, característico dos Kayapó.

Os homens tinham como armas, arcos, flechas e bordunas, sendo estas de elaboração grosseira. Embora não possuissem armas de fogo, mostraram estar familiarizados com seu uso (8), pois, o chefe do grupo, pediu o revólver do sertanista Osmundo e passou a manejá-lo com desembaraço; e outros membros do grupo também assim procederam quando receberam espingardas. Na aldeia foram encontrados terçados, facas, enxadas, machados e enxós, assim como panelas de ferro e alumínio, obtidos por ocasião das pilhagens que realizavam. Entretanto, continuavam preparando a comida no moquém (grelhas de varas) e no tradicional forno de terra (*Ki*) (9). Alguns índios usavam camisas e calções que haviam roubado de maçarandubeiros. Assim como os demais grupos Kayapó não possuiam canoas e para viajar pelos rios e igarapés faziam balsas que impulsionavam por meio de varas; mas revelaram que também utilizavam remos, havendo alguns dos homens demonstrado saber confeccioná-los. Vários componentes do grupo já conheciam algumas palavras do idioma português, sendo que, quando o intérprete do S.P.I. perguntou em Kayapó quem era o *benadiouro* um índio respondeu: "eu, capitão".

A aldeia era de contorno circular, ou seja, de igual forma como entre outros grupos Kayapó. As habitações, todavia, não mais obedeciam integralmente os antigos padrões Kayapó, pois, embora fossem retangulares e com cobertura de palha de duas águas, tinham as paredes de estacões de

---

(8) — Além dos Kararaô, outros subgrupos Kayapó: — Gorotíre — Kubén-Kran-notí — Kubén-Kran-Kegn — Kokraimôro, antes de serem pacificados pelo S.P.I. possuíam armas de fogo, adquiridas por ocasião das lutas com seringueiros. Segundo informantes, costumavam aprender o manejo com os **civilizados** que raptavam. Suas incursões tinham como principal objetivo a aquisição dessas armas.

(9) — Nimuendaju (1956 : 31) diz ser o forno de terra de uso generalizado entre os Jê do Nordeste e do centro do Brasil. Para um conhecimento mais pormenorizado sobre o mesmo confronte-se Frikel (1968 : 15-6).

aquariquara e jarana, bem unidos, com apenas uma única abertura que era fechada à noite também com estacões (Cf. Dreyfus, 1963 : 21-24; Frikel, 1968 : 9-12). Na construção das casas os homens tiravam as estacas, caibros e processavam sua armação enquanto as mulheres conduziam as palhas. A dormida ocorria em catres, forrados com palha de babaçu e açaí, e em esteiras, porém, a mulher Maria Moraes possuía duas redes de fabricação nacional que haviam sido furtadas em incursão feita pelo grupo. Os demais índios também passaram a utilizar redes assim que receberam do pessoal do S.P.I.

As lavouras existentes em torno da aldeia tinham a forma circular, possuindo cada família uma roça própria, medindo aproximadamente uma tarefa (0,25 ha.). Depois da pacificação o Posto do S.P.I. os orientou na preparação de um único roçado com 30 tarefas (aproximadamente 7,5 ha.), que foi plantado sobretudo com batata-doce, cará mandioca-brava e macaxeira; e em pequena proporção com tabaco, mamão, milho duro, banana, feijão, cana-de-açúcar, abacaxi e jerimu. Há bastante tempo, segundo disseram os índios, não cultivavam mais o milho tradicional (milho mole, branco, preto e roxo) (10) e o *Kupá* (cipó que é comido assado) (11)). Por ocasião do primeiro plantio a batata era colocada no centro do roçado e a mandioca pela periferia; já no segundo (replante) a mandioca no centro e a batata pela periferia. O ralamento da mandioca era feito em pedras, sendo a massa espremida não mais no tipiti de torção, usados em geral "pelos grupos Jê da área Tocantins-Xingu", mas em outro de tipo mais elaborado "de distensão de uso generalizado nas áreas de cultivo da mandioca" (Galvão, 1963 : 129-31), copiados de peças semelhantes obtidas du-

(10) — Conforme se pode verificar no mito, "A Descoberta do Milho", descrito por Banner, (1972 : 116-18), os Kayapó consideram que o milho duro (amarelo), adquirido por intermédio dos regionais, não tem a mesma origem do seu milho tradicional.

(11) — O "Kupá" (**Cissus** sp.), foi citado por Nimuendaju (1946 - 59) como a mais importante das espécies vegetais cultivada tradicionalmente pelos Timbira.

rante suas incursões. Depois da extração do tucupi a massa era posta para secar ao sol em esteiras de palha. Já fabricavam farinha, sendo a torração feita em panelas de metal. Suplementavam a alimentação com o palmito e o coco do babaçu que, quando verde, costumavam assar.

Os Kararaô realizavam uma festa — *"Krareremeit"*, que se estendia por muitos dias, segundo um de nossos informantes, para comemorar qualquer evento que lhes proporcionassem alegria: um nascimento, uma colheita, um casamento, etc. Dançavam soltos, homens e mulheres e sempre cantando acompanhados de maracá. Alimentavam-se, durante a festa, com determinadas caças e peixes. Costumavam intercalar as canções tradicionais com trechos de modinhas brasileiras aprendidas por intermédio das mulheres que tiveram em seu meio ou ouvidas quando acampavam nas proximidades de povoações regionais, conforme disseram. Entre outras nos foram mencionadas — A Mulher Rendeira, Jardineira, Zé Pereira, O gafanhoto deu na minna roça..., Jacarepaguá, Chiquita Bacana, Carneirinho - carneirão, Cadê a Margarida, Mandei buscar lá na Bahia, etc.

Por ocasião da morte de uma pessoa os parentes choravam em voz alta durante várias horas. Em seguida, enterravam o corpo ao lado da própria residência do morto; e durante certo tempo retornavam à sepultura para lamentar seu desaparecimento (12). Ambos os sexos cortavam o cabelo em sinal de luto. Após a pacificação do grupo o ritual acima continuou a ser observado, porém, os enterramentos passaram a ser feitos em um único local indicado pelo agente do S.P.I.

Logo após a pacificação, o S.P.I. fundou um Posto na confluência do Jaraucu com o Penetecaua, transitado por regionais, não só porque o local possibilitava o acesso de embarcações de calado médio, como também porque parecia possuir produtos naturais exportáveis em maior incidência que nas imediações da aldeia. Distanciava-se desta, cerca

(12) — Não obtivemos informações sobre a forma de sepultura e outros detalhes a respeito do enterramento.

de meio dia de viagem via fluvial, em canoa a remo, seguido de mais um dia através da mata, ou dez dias somente pela última via; e aproximadamente dois dias de viagem, em motor, da cidade de Porto de Moz. Trinta dias após, a 2.ª Inspetoria Regional do S.P.I. determinou a remoção do grupo para o local do Posto, sem tomar qualquer providência no que respeita à saúde e alimentação de seus componentes. Ao mesmo tempo, determinou o engajamento dos homens na coleta da castanha-do-pará, para atender dentro de 4 meses a entrega de 400 hectolitros do produto (cerca de 1200 caixas), que havia contratado com uma firma exportadora. Esta forneceu adiantadamente 40% do total ajustado em ferramentas para lavoura, combustíveis, sal, óleo comestível, roupas, redes, cobertores, espingardas, munição de caça, etc., que a 2.ª Inspetoria Regional encaminhou para o citado Posto, mas sem acrescentar nenhum medicamento (BRASIL. FUNAI, 1968-70).

A transferência do grupo foi realizada através da mata, em dez dias, não tendo sido feita parte da viagem pelo rio apesar de ser, como vimos, mais curta e, portanto, menos exaustiva. Conduziram os índios cerca de 70 cães, vários outros xerimbabos (papagaios, araras, etc.), assim como farinha e massa de mandioca, cuja quantidade todavia não chegou a ser suficiente para um mês. Desde então passaram a alimentar-se sobretudo com palmitos, peixes e carnes de animais silvestres; e só ocasionalmente, com farinha adquirida pelo S.P.I. na cidade de Porto de Moz, pois, nas proximidades não existiam lavouras. Logo em seguida um surto gripal atingiu todo o grupo e os homens viram-se impossibilitados de caçar e pescar. Em conseqüência, morreram em poucos dias por doença e fome, um homem, várias mulheres e crianças, havendo a metade dos 70 cães também perecido. Nesse período, a mulher Maria Moraes, o marido Tiburu e os filhos mudaram-se para a vila Guajará (Prainha).

A produção de castanha fora superestimada pela 2.ª Inspetoria Regional em relação ao pequeno número de homens do grupo, que não estavam naturalmente habituados a uma

modalidade de trabalho intensivo e continuado. Além disso, tendo se interrompido no momento em que a gripe os atingiu, a quantidade obtida somou apenas 5% do total previsto, e uma parte foi consumida por eles próprios. Assim sendo, quando a embarcação do S.P.I. veio receber a produção ocorreu uma situação crítica, isto porque, de um lado o emissário da Inspetoria demonstrava descontentamento diante de tão diminuta produção, e de outro o líder do grupo dizia que havia colhido "muita castanha para *Kubén* comer". Segundo vários informantes que testemunharam o fato, os índios teriam matado aquele emissário se o intérprete não tivesse conseguido convencê-los de que ele não era culpado e sim o chefe que o havia mandado receber a castanha.

Subseqüentemente, os índios resolveram retornar à antiga aldeia para colher o que ainda restava nos roçados; todavia ainda bastante enfraquecidos levaram trinta dias para atingí-la. Não permaneceram porém na aldeia e, assim que se restabeleceram voltaram para o Posto. Em 1967 uma epidemia de sarampo quase extinguiu o grupo, visto que, sobreviveram apenas 8 indivíduos : 4 homens com idades aproximadas de 70, 25, 20 e 15 anos; e 4 mulheres, com 40, 35, 20 e 15 anos. No ano seguinte, quando já possuiam um roçado amadurecido e estavam recuperados fisicamente, tiveram de enfrentar nova situação crítica, pois foram removidos pelo órgão protetor para um ponto situado no médio Bacajá (afluente do Xingu), onde foram entregues à própria sorte, vivendo apenas de caça e pesca, pois aí não existiam lavouras. O índio Tiburu, por sua vez, agrediu na vila Guajará, um regional que surpreendeu em colóquio amoroso com sua mulher Maria Moraes e, em conseqüência, foi preso pela Polícia de Porto de Moz. Assim que foi libertado por interferência da FUNAI, retornou ao seio do grupo, mas decorrido pouco tempo, tendo sido atingido por sarampo, faleceu em Altamira, no hospital do SESP.

Finalmente, já no início de 1970, os Kararaô deixaram de constituir uma unidade tribal e seus remanescentes foram assim divididos : o índio Xikrin, Itacaiúna, que atuara

como intérprete na pacificação dos mesmos, casou com uma das mulheres e resolveu conduzí-la juntamente com o sogro e cunhado para sua aldeia situada no rio Caiteté, afluente do Itacaiúna (Marabá); e os dois casais restantes (tendo um deles duas filhas em idade infantil) foram integrar-se ao grupo Xikrín do alto Bacajá. Assim sendo, a despeito de lutas internas e choques com as frentes de penetração enquanto isolado, pôde o grupo sobreviver durante longo tempo; todavia, extinguiu-se dentro de poucos anos, em conseqüência de uma deficiente ação protecionista.

SUMMARY

The Kararaô are a branch of the northern Kayapó Indians (Jê linguistic stock), that split from the larger Gorotíre tribe, located at the banks of the Rio Vermelho, a tributary of the Rio Fresco, both affluents to the main Xingu river.

The Kararaô went down river and got settled in the area between the Iriri and Curuá rivers. Afterwards there was another split caused by internal strife.

In 1950, the first group, was almost wiped out by an expedition organized by a rubber boss in which took part several Xipaya and Kuruaya Tupian Indians. In 1957, the remainders (38 indians) were under control by the S.P.I.'s personnel. Later those indians were joined to another Kayapó group (Kubén-Kran-notí) and transferred by S.P.I. to an Indian Post, close to the banks of the Curuá (Iriri) river. This residual group suffered a further diminution due to influenza outbreak. According to several reports there were many dissentions within the group that caused them to be segregated. Only recently they are being pacified by FUNAI's staff.

The second group subject of this report got settled in an area close to the limits of Altamira and Porto de Moz countries. In 1940 they camped near Altamira city and were treasonably killed with guns by Brazilians. The

remainders of the group took to kidnapping Brazilian women and children, causing panic among the local inhabitants. The government authorities asked for providences to the 2nd. S.P.I.'s regional inspectorship. In 1965 it was made the attraction of these indians being the group composed of 48 people. At that occasion they already had guns, domestic utensils and tools which they had gotten through their incursions in the area, and they used to sing their songs and also brazilian popular songs.

After the pacification it was established a S.P.I.'s post on the place of the junction of Jaraucu and Penetecaua rivers and after thirty days S.P.I.'s personnel decided to let them work picking brazilian nuts up, and later the group was transferred to a place where there were several brazilian nuts plantation. On account of that change of environment, the work to be done and also an influenza outbreak and measles epidemicity the Kararaô indians of Jaraucu were extinguished by 1970.

BIBLIOGRAFIA CITADA

ANDRADA E SILVA, JOSÉ BONIFÁCIO DE

1939 — **O patriarcha da independência.** São Paulo, Ed. Nacional, 433 p. (Brasiliana, 166).

ARNAUD, EXPEDITO

1971 — A ação indigenista no sul do Pará (1940-1970). **B. Mus Pa. Emílio Goeldi,** Belém, n. sér. Antrop. 49, 25 p.

BANNER, HORACE

1961 — O índio Kayapó em seu acampamento. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi,** Belém, n. sér. Antrop. 13, 51 p.

1972 — "Mitos dos índios Kayapó". In: SCHADEN, EGON. **Homem, cultura e sociedade no Brasil.** Petrópolis, Ed. Vozes, p. 90-132.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

[1968-70] — "Documentos do Arquivo da 2.ª Delegacia Regional da **FUNAI". Belém.** [Inédito].

BRASIL. Leis, Decretos, etc. Assuntos Indígenas

1947 — **Coletânâea de leis, atos e memoriais referentes ao indígena brasileira.** Rio de Janeiro, Imp. Nacional, 229 p (Brasil. Conselho Nacional de Proteção aos índios. Anexo 7, Publ. 94).

BRASIL. Serviço de Proteção aos índios

1952-67 — "Documentos do Arquivo da 2.ª Inspetoria Regional do S.P.I." Belém. [Inédito].

COUDREAU, H.

189'7 — **Voyage au Tocantins — Araguaia. 31 dècembre 1896-23 mai 1897. Paris, A. Lahure, 298 p., il., 1 mapa.**

DINIZ, EDSON SOARES

1962 — Os Kayapó-Gorotíre. Aspectos sócio-culturais do momento atual. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi,** Belém, n. sér. Antrop. 18, 40 p.

DREYFUS, S.

1963 — **Les Kayapo du nord; État de Para - Brésil: Contribution à l'étude des Indiens Gé.** Paris, Mouton, 213 p., il., 2 mapas.

FRIKEL, PROTÁSIO

1963 — Notas sobre a situação atual dos índios Xikrin do rio Caeteté. **R. Mus. Paul.,** São Paulo, n. sér., 14:145-58.

1968 — Os Xikrin. Equipamento e técnicas de subsistência. **Publ. Avul. Mus. Pa. Emílio Goeldi,** Belém, 7, 119 p., il.

GALVÃO, E.

1963 — Elementos básicos da horticultura de subsistência indígena. **R. Mus. Paul.,** São Paulo, n. sér., 14:120-44. il.

MEIRELLES, FRANCISCO

1962 — Meirelles fala sobre os Kayapó — seus primeiros e últimos contatos com elementos civilizados. **B. Interno S.P.I.,** Rio de Janeiro, 56, jul/ag.

MOREIRA NETO, CARLOS DE ARAÚJO

1959 — Relatório sobre a situação atual dos índios Kayapó. **R. Antrop.,** São Paulo, 7 (1-2):49-64.

NIMUENDAJU, CURT

1946 — **The Eastern Timbira.** Transl. and ed. Robert H. Lowie. Los Angeles, Univ. of California. 357 p.

1952 — Os Gorotíre. Relatório apresentado ao Serviço de Proteção aos índios, em 18 de abril de 1940. **R. Mus. Paul.,** São Paulo, n. sér., 6:427-53.

1956 — Os Apinayé. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi,** Belém, 12, 150 p. il.

RECENSEAMENTO GERAL DO BRASIL, 8, 1970

1971 — **Sinopse preliminar do Censo Demográfico.** Rio de Janeiro, IBGE. 76 p.

1973 — **Censo Demográfico Pará.** Rio de Janeiro, IBGE. 421 p. (Ser. Regional, v. 1, t. 4).

SIMÕES, MÁRIO F.

1963 — Os Txikão e outras tribos marginais do Alto Xingu. **R. Mus. Paul.,** São Paulo, n. sér., 14:76-104. il.

Entregue para publicação em 21/1/74

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

ARNAUD, Expedito & ALVES, Ana Rita. A extinção dos índios Kararaô (Kayapó) — Baixo Xingu, Pará. **B. Mus. Pa. Emílio Goeldi.** Belém, n. sér. Antrop. 53, 19 p. jun. 1974. il.

CDD 572.98115
CDU 572.9(811.5 = 082)

GRÁFICA FALANGOLA EDITORA LTDA.
Rua Osvaldo Cruz, 73
Belém - Pará